

## ANTROPOLOGIA EM DESTAQUE

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci  
UNESP-Franca

Interessante e oportuna série de publicações — ANTROPOLOGIA — encetada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo ( FAPESP ), a partir de 1983, e, fazendo parte de um dos projetos desenvolvidos pelo Departamento de Ciências Sociais da mencionada Universidade, sob coordenação geral do Prof.Dr. João Baptista Borges Pereira.

A proposta central do projeto é principalmente a de pesquisar comunidades negras incrustadas no meio rural brasileiro, vindo, sem dúvida alguma, enriquecer nossa bibliografia antropológica sobre o negro brasileiro.

Nesta série já foram lançados cinco excelentes trabalhos a saber: o primeiro deles do Prof. Renato da Silva Queiroz — **Caipiras negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica.**

O A. analisou o bairro rural de Ivaporunduna, que, segundo ele, senão fosse pela cor de sua população, nada mais o diferenciaria dos tradicionais bairros rurais paulistas. Os negros desse bairro não herdaram de seus antepassados tradições africanas incólumes; receberam, todavia, a nefanda herança da cor e do temor. O isolamento dessa população é um reflexo disso o que acabou por tornar Ivaporunduna diferente, sobretudo no que tange a integração do caipira na sociedade urbano—industrial, onde as barreiras da exploração e a própria desorganização de seus grupos, ao longo do processo de integração, sempre estiveram presentes, sobretudo se levarmos em conta a problemática do branqueamento decorrente da miscigenação.

O nº2 da série, é o estudo do Prof. Carlos M.H. Serrano — **Os senhores da terra e os homens do mar: Antropologia Política de um Reino Africano.**

Há no presente trabalho, além da acurada pesquisa realizada pelo A., excelente referencial bibliográfico e não menos significativas ilustrações. Enfatiza Carlos Serrano que o início do tráfico de escravos na África produziu uma ruptura no poder do Reino Ngoyo ( que era uma sociedade bantu segmentária ), uma vez que, à medida que a economia antes voltada para suas próprias necessidades, passava a depender da econo-

mia mercantil, diminuindo o poder dos chefes da terra, foram criadas as condições para a ocupação européia ( e Portugal foi o primeiro a fazer a ocupação colonial na área ), propiciando a desagregação do mencionado Reino.

O estudo de Solange Martins Couceiro de Lima — **O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais** — é o 3º nº desta brilhante série.

Mostra a A. que a população negra empregada pelas empresas de tevê é quantitativamente pouco maior do que a anteriormente utilizada pelo rádio, sendo que no setor comercial a presença negra é praticamente nula. Aliás, enfatiza ainda que a participação negra continua sendo na base da estrutura do setor, ou seja, em funções que exigem um mínimo de qualificação, oferecendo, conseqüentemente, baixa remuneração. Todavia, no setor programático o negro se viu beneficiado com relação ao rádio, embora, no que tange à negra, a mudança não tenha sido tão sensível.

O nº4 corresponde ao estudo realizado por Maria de Lourdes B. Sant'Ana — **Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas** — grupo numericamente significativo na cidade mas que apresenta até o momento poucos estudos, talvez mesmo por ser um grupo bastante fechado, fazendo que viva em um paralelismo cultural.

Enfatiza a A. que “o comportamento do cigano, junto aos nacionais dos locais em que estão de passagem, não chega às tentativas de interagir com eles em termos de procurar uma comunicação, com vistas a desenvolver laços de amizade, o que já acontece com alguns ciganos que se fixam de forma mais permanente” ( p. 175 ).

Daí, no decorrer do processo de interação social entre cigano e nacional, os canais de comunicação sofrerem a barreira da imagem, tanto por parte dos nacionais quanto dos ciganos, e, estes últimos sempre defensivamente preparados para que a cultura dos “de fora” não seja assimilada a ponto de abalar sua estrutura organizacional interna, fazendo com que conscientemente afirmem suas características étnicas.

Comprova ainda a A. que mesmo o cigano sedentário é ainda um nômade na sua essência, facilitando, com isso, a manutenção de sua situação de grupo fechado, e o próprio trabalho ( tanto masculino quanto o feminino ), é condizente com tais características do grupo, que é minoritário e espalhado pelas diferentes partes do mundo.

O 5 nº constitui o trabalho da Profa. Irene Maria Ferreira Barbosa, intitulado — **Socialização e relações raciais: um estudo de famílias negras em Campinas.**

Esclarece a A. que a consecução de sua dissertação de Mestrado ( que é apresentada nesse estudo ), não foi muito fácil sobretudo por

certa “discriminação” sofrida ao início de sua pesquisa, quando o grupo com o qual iria trabalhar, discutia a validade de sua participação. À medida que a comunidade compreendeu seu propósito, que era o de analisar a organização familiar que teria como universo de trabalho as famílias do “Clube Cultural Recreativo Campinas”, popularmente conhecido como “Cultural”, obteve a confiança daqueles que ainda resistiam a sua presença, e, assim, pode vencer as dificuldades e chegar a termo de sua excelente monografia sobre esta problemática.

Mostra a Profa. Irene que as famílias da chamada “elite negra do Cultural” não mantêm uma coerência no que tange às relações raciais, fazendo com que aponte que grande parte das famílias negras por ela estudadas mantenham padrões de organização muito próximas das tradicionais famílias brasileiras, onde o chefe ainda exerce rígido controle no comportamento dos filhos e da mulher.

A família nova, todavia, distingue-se da velha, pelos recursos culturais que hoje tem, a começar pelo nível de escolaridade encontrado nos chefes dessas famílias novas, mais elevado do que antes e com ocupações profissionais de maior prestígio e remuneração. Todavia, ambas ainda se aproximam no que se refere a responsabilidade familiar.

Também do ponto de vista da socialização há hoje nos chefes das famílias novas uma atitude de não acomodação com relação aos problemas raciais, fazendo com que as crianças sejam preparadas para enfrentar as situações desagradáveis que ainda lamentavelmente persistem com relação sobretudo a cor.

Aproveitando da oportunidade de trazer ao conhecimento dos estudiosos essa série — ANTROPOLOGIA — gostaríamos que tal iniciativa pudesse ser seguida por outros setores das Ciências Humanas que, através das diferentes Universidades Brasileiras poderiam seguir o mesmo caminho, a fim de que meritórios trabalhos (tanto a nível de Mestrado quanto de Doutorado), não ficassem relegados às “estantes do saber” das diferentes instituições culturais do país, o que, fora de dúvida, seria um estímulo ao nosso crescimento científico.